

Expressões Artísticas em Tempo de Pandemia: um manifesto para vida

*Artistic Expressions in Time of
Pandemic: a manifesto for life*

DOI: 10.53660/inter-142-s116

José Henrique Monteiro da Fonseca
Universidade Federal de Mato Grosso
 0000-0002-2628-0974
jhmonteirodafonseca@gmail.com

José Serafim Bertoloto
Universidade Federal de Mato Grosso
 0000-0001-9581-5648
serafim.bertoloto@gmail.com

Maria de Lourdes Fanaia Castrillon
Universidade Federal de Mato Grosso
 0000-0003-4797-880X
mary_lourdes1996@hotmail.com.br

Resumo: O presente trabalho atenta para as expressões artísticas visuais alocadas em plataforma virtual, mais estritamente o Instagram do recém-criado *covidartmuseum* que reúne trabalhos de centenas de pessoas pelo mundo as quais de algum modo exteriorizam suas percepções críticas e emoções diante da atual circunstância em que o mundo atravessa, a pandemia pelo coronavírus (Covid-19). Objetiva-se, portanto, além de refletir a respeito da potência da arte enquanto veredas de resistência, enfrentamento e reinvenção de si e do mundo concreto – no sentido socioemocional, cultural e político – também analisar algumas dessas obras sob uma perspectiva crítica, aproximando dos sentidos das expressões que essas nos revelam, nos tomam e nos marcam.

Palavras-Chave: Arte visual; Covid-19; Isolamento; Sentidos.

Abstract: The present work is active in the visual artistic expressions used on a virtual platform, but strictly on the Instagram of the created *covidartmuseum*, which brings together works by hundreds of people from around the world that somehow expresses their perceptions and yes it thrills today. Circumstances across the world, the corona virus pandemic (Covid-19). It is intended, therefore, to reflect on the power of art as ways of resistance, facing and reinventing itself as one and the concrete world, in the socioemotional, cultural and political sense; it also intends to analyze some of these works from a critical perspective, approaching the meanings and expressions that reveal to us, the llevan and the striking ones.

Keywords: *Visual art; Covid-19; Isolation; Senses.*

1. Introdução

No bojo da maior adversidade sanitária mundial, nasce o *The Covid Art Museum*, autodeclarado o primeiro a surgir nesta pandemia e tanger tematicamente a triste realidade que a raça humana atravessa. Com acervo totalmente virtual, reúne trabalhos de centenas de artistas – inclusive os considerados não profissionais – que fazem suas leituras de mundo e atribuem seus sentidos e percepções inspirados a partir de suas experiências em meio à pandemia e as limitações sociais; daí nasce sublimes trabalhos, os quais expressam e historicizam o vigésimo ano do século XXI, viral e tragicamente afetado. Nesse período nos vemos privados de contemplar a arte em sua concretude, como também limitados de interagir com o mundo concreto além de nossos lares como fazíamos antes: aproximação do corpo com outros corpos, interação com os objetos que compõem o mundo denso, coisas que fazíamos de modo espontâneo e poético rotineiramente.

Assim, os meios virtuais e suas diversas plataformas, tornam-se além de canais de comunicação e construção de saberes, também instrumentos e suportes para processo de criação, ao mesmo tempo em que se constitui plataforma de consumo contemplativo de arte; consumo este, no sentido que transcende o ato mercadológico, para consumir apenas com os sentidos e com a alma; consumir e ser consumido pela revelação, evocação e elaboração que a obra pode em potencial realizar de modo singular em cada ser que por ela é tomado ainda que por alguns instantes, pois: “Os objetos da pintura moderna ‘sangram’, espalham sob nossos olhos sua substância, interrogam diretamente nosso olhar, põem à prova o pacto de coexistência que fizemos com o mundo por todo o nosso corpo.” (Merleau-Ponty, 2002, p.188).

1. A Potência da Arte Frente ao Covid-19

A arte contemporânea em seus mais variados suportes e expressões nos salva da realidade, mas paradoxalmente é instrumento de enfrentamento e forjamento desta. Nos salva da realidade uma vez que é uma via para reinvenção emocional e psíquica no sentido de preservar nossa saúde mental e manter minimamente nossa capacidade elaborativa, criadora e ressignificativa frente ao mal-estar que a realidade nos acomete. É mecanismo de enfrentamento da realidade no sentido de resistência social e concreta; pois possui aspecto de insurgência no sentido de ativamente questionar e repensar o *status quo* e o absolutismo das coisas. Portanto, atinge vários estados de subjetivação desde o mais sutil, etéreo e intrapsíquico como também

os estados concretos, políticos e sociais (BOAS, 2015; CHAIA, 2007; ROLNIK, 2018). Em concretude, tintas nos pincéis, as mãos do pintor, os objetos e matéria prima para o artesanato, são as veredas tangíveis que o artista acresce a seu próprio material subjetivo onde por meios estéticos, possa articular, elaborar e sobreviver à finitude humana (BACHELARD, 2001; CÂMARA, 2012).

Daí a criatividade como um caminho sublime frente à ânsia e a agonia de esperar e existir com a condição e possibilidade de morte iminente e tantos outros factíveis fenômenos. Nesta época, onde se vivencia uma pandemia e consequentemente um processo de afastamento, os aspectos emocionais, sentimentos de impotência, medo, frustração, tédio e até o enlutamento, parecem entrecruzar às condições socioeconômicas, sanitárias e políticas de modo nacional e global. Explosões de sensações que a população mundial vivencia, cada um ao seu próprio modo e atribuição singular de sentidos (SPINK, 2012).

A arte contemporânea é potência que nos tira da cristalização dos hábitos e nos promove a repensar os espaços que criamos e nos responsabilizar pelo movimento subjetivo que fazemos com nossos corpos, contribuindo na construção, destruição e reconstrução de nosso mundo interno e externo, ou seja: enquanto sujeito de desejo e também enquanto espécie humana em seus mais variados códigos e pactos; conforme aponta Guattari: “[...] Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microsociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas [...]” (Guattari, 1990, p. 33-5). Além de aparato de expressões catárticas, a arte contemporânea faz-se aparelho de potência quando viabilizada intencionalmente à crítica social e política, como também a crítica ao automatismo dos hábitos e modos de coexistência em meio à cultura (FOUCAULT, 1979, 2008; GUATTARI, 1992).

É exatamente nessa direção que vem atuando parte dos citados movimentos coletivos que irrompem em meados dos anos 1990 e voltam a irromper em diferentes momentos desde então – no ativismo propriamente dito e, não por acaso, também na arte, sendo suas fronteiras cada vez mais indiscerníveis. Nessa transterritorialidade criam-se condições mais favoráveis para mobilização da potência de criação das práticas ativistas, bem como da potência micropolítica nas práticas artísticas [...] (ROLNIK, 2018, p. 34,35)

Portanto, pretende-se uma aproximação de algumas manifestações artísticas publicadas no instagram *covidartmuseum* as quais atribuem sentidos latos para além da mera contemplação. A figura 1, nos ilustra a invasão do covid-19 nos espaços físicos, os aspectos fantasmáticos das quarentenas nas cidades assoladas. Cidades essas constituídas tanto como resultado das relações humanas, modos de subjetivação dos corpos que criam e interagem com

os espaços, as coisas e os objetos, como também pelos ideais ostentativos da sociedade moderna. Na obra apresentada percebe-se uma espacialidade e concretude, na aglomeração vislumbra uma rede de interligação permitindo os ícones da dominação. Dominação das questões econômicas, sociais e políticas, com o vírus permeia a densidade populacional, e o volume de massa na atmosfera visual figurativa, porém surrealista.

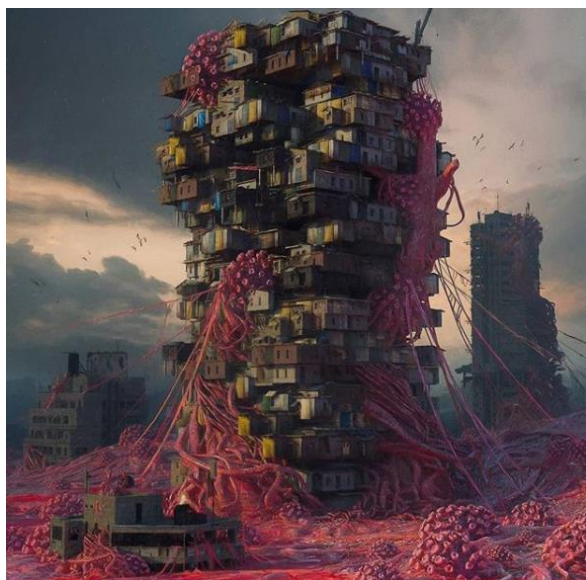


Figura 1 - Sem título

Fonte: Instagram, #CovidArtMuseum / @beeples_crap

As cidades são marcas e um dos principais registros concretos que a Cultura Humana principalmente a partir de ideais modernos e coloniais, deixam e produzem no mundo. Pode-se pensar em Cultura enquanto toda a coletânea e complexidade de hábitos, crenças, costumes e modos de existir que a raça humana produziu, ao longo de toda a sua História; as culturas são fragmentos das mais variadas formas de manifestação dos indivíduos frente aos desafios e limitações humanas. A exemplo temos as tecnologias, inventadas a partir de limitações e necessidades práticas no decorrer de seu processo de desenvolvimento; por não ter asas e não poder voar naturalmente e frente à necessidade de rápida locomoção, o animal humano, desenvolvera máquinas voadoras e tantas outras próteses como meio de lidar com sua finita e limitada existência; entre essas milhares de variedades de ferramentas podem ser exemplificado um simples lápis, uma alavanca, até um dispositivo de ativação de uma lâmpada, conhecido como interruptor.

A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade. [...] Submetendo-se ao governo de programas

simbolicamente mediados para a produção de artefatos, organizando a vida social ou expressando emoções, o homem determinou, embora inconscientemente, os estágios culminantes do seu próprio destino biológico. Literalmente, embora inadvertidamente, ele próprio se criou. [...] Sem homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens [...] nossas ideias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais. (GEERTZ, 1989, p. 58; 60; 62).

Mas o que isso tem a ver com as culturas humanas? Bem, uma vez que toda a produção humana é resultado do cultivar, do cultivar ou do “culturar”, então o ser humano é cultura em toda sua expressão incluindo tudo que constrói, subjetivamente e nos espaços que ocupa. Porém as manifestações culturais iniciaram remotamente pelas necessidades básicas, como utilizar uma pedra para quebrar um coco; com essa mesma pedra afiada, criara-se um instrumento; tal instrumento é nomeado, a linguagem começa a aparecer. (AGUIAR, 2011; BOCK et al., 2001; FURTADO, 2011).

O homem é profundamente distinto de seus antepassados animais e a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho; essa passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas a leis sócio-históricas. (FURTADO, 2011, p. 79).

Na junção da linguagem e do instrumento criam-se hábitos e culturas para sobrevivência. Uma vez dando conta de estocar e reter os itens básicos de sobrevivência, tal ser passou a ter mais tempo para outros “culturamentos” como rabiscar, fazer armas, observar as estrelas, os tempos, as estações, brincar e se entreter. Daí também o egocentrismo, a ambição são produzidos, uma vez que retém e guarda, passa a constituir o medo secundário da perda dos objetos; daí nascem as guerras tribais e futuramente a propriedade privada; a subordinação, os abusos e a ganância. Com a ganância institui-se novas culturas (culturas de manipulação, destruição e destituição da natureza).

A situação oportuna causada pela pandemia do novo coronavírus inevitavelmente mostrou que a sistematização atual e predominante da sociedade é integralizada de falhas sociais, econômicas e ambientais. Dessarte, vê-se o momento como conveniente para uma melhoria e o desenvolvimento de uma nova perspectiva de estruturação, considerando princípios ecológicos e sustentáveis como base e com a participação da população em massa junto ao sistema nessa construção, para que os fundamentos de uma relação equilibrada entre meio ambiente, sociedade e economia sejam de fato respeitados. (DE SOUZA, 2020, p. 71)

Nesse processo complexo de desenvolvimento humano, surgiram as comunidades, vilas, as pólis, os estados nacionais, o mundo moderno, as metrópoles, a colonialidade e o capitalismo por onde as injustiças sociais chegam ao ápice da perversidade sutil e explícita de modo global; as pestes, a fome e as desolações são obviamente sob tal olhar, sequelas de todo esse processo de intervenções e manejos exacerbados – inconsciente e/ou consciente – da mão humana na tentativa de explorar e controlar a Natureza e sobrepujar seus semelhantes (SINGER, 1998; MORIN, 2003).

Uma pesquisa realizada pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) em 2016, publicada no United Nations Environment Programme (2020), mostrou que “60% de todas as doenças infecciosas emergentes nos seres humanos são zoonóticas e estão intimamente ligadas à saúde dos ecossistemas”. Em relação ao coronavírus, Andersen et al. (2020) expôs que o vírus Sars-CoV-2 tem origem natural, sendo iniciado pelo contato de animais hospedeiros com humanos. O estudo comprovou que o genoma do vírus é semelhante ao encontrados em morcegos e pangolin. (DE SOUZA, 2020, p. 71)

Portanto as cidades e suas construções, ruínas históricas e ou moradias, recebe as marcas da passagem da Cultura Humana e registram, suas conquistas, suas frustrações, suas veredas éticas ou não, bem como toda a desolação que este próprio ser humano é capaz de criar e se prender.



Figura 2 - Sonhos de verão
Fonte: Instagram, #CovidArtMuseum / @aykutmaykut

A figura 2 “sonhos de verão” nos remete a idéia de dissolução e frustração de projetos que agora alocam-se à incerteza e ao tédio. Nessa obra condensa o sentido de Bauman onde

uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. Uma frustração proporcional ao tamanho das fantasias e ideais de produção e felicidades apregoadas pelo discurso da modernidade e do capitalismo (BAUMAN, 2001; 2008).

Assim, para alguns indivíduos, ficar em casa em meio a uma crise sanitária global possa ser sinônimo de esperança e gratidão por estar vivo e ainda ter uma cobertura sobre suas cabeças para não ser atormentado pelo sol, frio e chuva, para outros poderá representar um estado de incerteza, fome e vulnerabilidade social, como é o caso dos vários grupos sociais tais como: populações envelhecidas, populações com comorbidades, bem como as minorias sociais a exemplo dos quilombolas, indígenas, moradores de rua e imigrantes (VIEIRA et al., 2020). Existe ainda a possibilidade de que tal condição possa ter, por exemplo, sentidos atribuídos como enfado, aborrecimento e revolta por parte de um indivíduo a se ver privado de comer um *Burger King* na praça de alimentação de um Shopping ou até mesmo pelo cancelamento do *Rock in Rio* e do *Lolapalooza*.

Cada indivíduo atribui o sentido que da conta de sustentar diante das condições que experiencia; mas é inegável que tanto os sentidos que se atribuem, quanto a coletânea de coisas-mundo que edificamos com as mais variadas formas e motivações, ainda são criações, produções e interações humanas; corresponsabilidade de cada um enquanto sujeito, e indivíduo atrelado ao coletivo, coexistente e inventor de seu próprio mundo. (NOGUEIRA; NEVES & BARBOSA, 2005; SPINK, 2012).

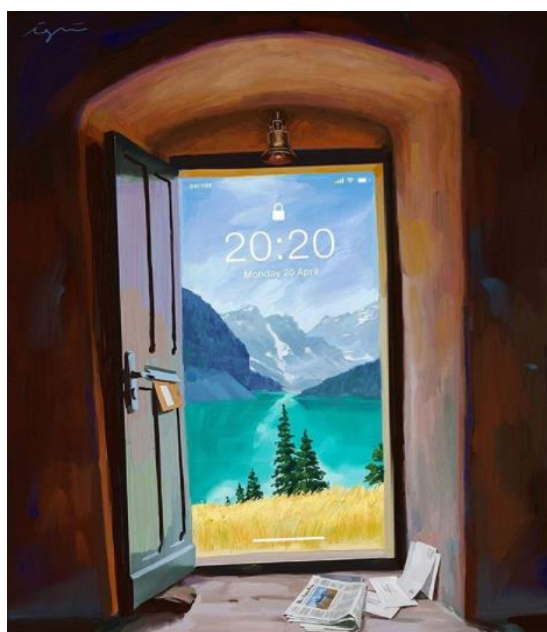


Figura 3. O lado de fora
Fonte: Instagram, #CovidArtMuseum / @ignasi

A figura 3 ironicamente representa uma saída para o “lado de fora” o qual é plasmado virtualmente pelos aplicativos dos celulares. O lado de fora e de dentro paradoxalmente tornam-se coisa mesma. Nesta atual condição de privação do corpo entre os espaços, as plataformas virtuais, sejam através de *pc's*, *laptops*, *smartfones*, entre outros - com seus aplicativos e toda coletânea de acesso às informações e interações digitais, tornam-se alocações pelas quais encontramos simbolicamente portas de entradas e de saídas, que permitem ícones de conexões para passear pelo mundo, lê-lo e reescrevê-lo na medida do possível. A porta ou janela permitem abrir ou fechar às possibilidades de sonhos e angústias, certezas e incertezas vinculadas a uma concretude do mundo visível e “real”. Na obra um jornal caracteriza a temporalidade dos fatos e o quadro, dentro de outro quadro, permite o discurso da perenidade e da fantasia.

As plataformas digitais criadas em linguagens de máquina somadas à milhões de pixels tornam em si mesmas, fascinantes obras de arte capazes por sua vez de fazer correspondência e interlocução com outras expressões e criações na cultura humana, bem como também se elegem enquanto o próprio instrumento – pincel e suporte digital – para criar outras possibilidades de artes, a exemplo da arte digital, o ativismo e os movimentos de resistências não capitalizados e decolonializantes da arte contemporânea.

[...] muitos artistas têm se dedicado a práticas que fazem da problematização desse estado de coisas a matéria prima de sua obra. [...] tais práticas tendem a transbordar as fronteiras do campo da arte para habitar uma transterritorialidade onde se encontram e desencontram com práticas ativistas de toda espécie – feministas, ecológicas, antirracistas, indígenas, assim como os movimentos dos LGBTQI, os que lutam pelo direito a moradia e contra a gentrificação, entre outros. (ROLNIK, 2018, p. 94)

A arte contemporânea em suas mais variadas expressões e suportes é uma das “portas de saída”, para nos instigar, nos provocar em perplexidade diante da parte que temos na feitura dessas estruturas e teias que nos aprisionam sócio-historicamente e nos ameaça enquanto espécie humana. Tal porta de saída é paradoxalmente um retorno para si, não no aspecto egóico, mas um SÍ eu-nós, fraternal e cooperativo na reinvenção de um possível mundo-outro, de consciência e responsabilidade como filhos da Mãe Terra, conforme acredita e esperancia Edgar Morin:

Precisamos fundar a solidariedade humana não mais numa ilusória salvação terrestre, mas na consciência de nossa perdição, na consciência de nossa pertença ao complexo comum tecido pela era planetária, na consciência de

nossos problemas comuns de vida ou de morte, na consciência da situação agônica de nosso começo de milênio (MORIN, 2003. p. 178).

A figura 4 criticamente aponta a banalização da morte e o descaso de governos, os quais mal conseguem enxergar números, e menos ainda, nomes, pessoas e as histórias que se vão, vítimas não só de um processo infectológico, mas, reféns do espírito do capitalismo e da necropolítica.

No contexto do capitalismo globalitário financeirizado como vimos, transmuta-se, refina-se e se intensifica o abuso perverso da força de trabalho (no sentido amplo de todo tipo de ação em que se materializa o movimento da força vital) – abuso que constitui a essência da tradição colonial-capitalística. (ROLNIK, 2018, p. 77)

Na obra de número 4 no selo com código de barra tem o lote e a insígnia “Economia não pode parar” e o invólucro de filme simboliza o comércio e morte de vidas humanas tal qual aos outros animais, comercializados em prateleiras e frigoríficos de congelados. Sob uma lógica simples de política humanizada para a vida, parece razoável afirmar que o Brasil ao tentar salvar a economia a qualquer preço, frente ao coronavírus, preço esse que sacrificou, até agora, mais de trezentas mil pessoas, acabou além da perda inestimável dessas vidas, não dando conta de equilibrar a realidade socioeconômica da grande massa, uma vez que é incomum e altíssimo o número de desempregados e pessoas vulneráveis diante do atual contexto.



Figura 4 - Lote: covid-19

Fonte: Instagram, #CovidArtMuseum / @elasdegabrielas

Parece razoável pensar que se as vidas e o bem-estar da população estivessem em primeiro lugar nos critérios valorativos governamental, provavelmente não teríamos alcançado elevados números de mortes. Ao tentar poupar a economia nacional de modo cego, necropolítico e perverso, o governo atual perdera o controle de ambos os lados: sacrificou vidas e não deu conta de impedir que milhares de pessoas atravessassem essa considerável vulnerabilidade socioeconômica, porém tal realidade parece não aplicável às elites, pois:

O Estado surge com esse papel repressor de favorecimento de uma classe, e essa classe era e, é a classe capitalista, sua ação produz mais-valia (mais valor) para as empresas, diz Marx: A burguesia nascente precisava e empregava a força do Estado, para “regular” o salário, isto é comprimi-lo dentro dos limites convenientes à produção de mais-valia, para prolongar a jornada de trabalho e para manter o próprio trabalhador num grau adequado de dependência (MARX, 2014, p. 859).

A partir disso é possível pensar que os valores desse sistema de governo são invertidos e distorcidos, visto que, se outrora houvesse investimentos e esforços em pró da prevenção e poupabilidade de vidas desde o início, quando a Covid-19 ainda não era realidade no contexto brasileiro, jamais teríamos a infelicidade de atravessar tamanho enlutamento; as superlotações do sistema de saúde, a falta de leitos e UTI's, trabalhadores que perderam suas vidas e as vulnerabilidades das minorias, a exemplo dos moradores das favelas, etnias originárias, imigrantes, entre tantos outros. Portanto, torna-se inevitável pensar o quanto a lógica perversa da necropolítica possui interesses de domínio e lucratividade através do caos e da morte.

Soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2016, p. 123).

Tal lógica dissimulada, sempre lucra, pois promove as infelicidades e caos social com o dinheiro da própria população (impostos e anos de trabalho) que pagará a conta duas ou até três vezes, incluindo o pagamento com a própria vida, onde ironicamente o motor que impulsiona e financia tal ciclo necropolítico é tanto a energia de vida quanto a própria morte de tais vítimas; afinal, conforme aponta De Moraes (2020):

O bandido que ele deseja matar tem endereço certo. Mora nas favelas, periferias e nas florestas. Trata-se de um desejo racista e de classe. Seu amor pela morte é colonialista, pois busca aniquilar negros, indígenas, pobres e seus descendentes (DE MORAES, 2020, p. 3).

Quais os ganhos e lucratividades que os necropolíticos obtiveram e continuam obtendo para promoverem discursos como: “e daí?”; “É só uma gripezinha”? “país de maricas!” Eis aí as bases filosóficas e cínicas da indústria da morte a qual aparentemente se põe a tradição, família e propriedade (TFP) fraterna enfatizando a “sagrada família” e “Deus acima de todos”, mas, no final mefistofelicamente lucra e se safa, dado que: “todos nós vamos morrer um dia”. No entanto, “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. [...] podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 1979, p. 241).

3. Conclusão

Uma vez ignorado e não reverenciados o equilíbrio da Natureza e forjado civilizatoriamente processos secundários e terciários de manipulação de objetos extraídos dessa, artificializa-se e surgem culturas que também inventam e produzem mazelas e moléstias. Não se pode negar a corresponsabilidade que temos enquanto filhas e filhos da Terra diante das produções infelizes que fizemos no decorrer da História de nossa espécie (GEERTZ, 1989).

A Cultura Humana, apesar de seu brilhante desenvolvimento tecnológico e tantas outras produções que o ser humano em toda a sua complexidade é capaz de realizar, este encontra-se ainda gatinhando no que tange aos aspectos éticos e fraternais tanto diante dos iguais de sua espécie como também diante dos outros seres – sencientes –, da Natureza e da própria Terra enquanto lar (SOUZA, 2007; SINGER, 1998, 2004; MORIN, 2000. p. 273).

Parece aceitável que essa Cultura Humana principalmente forjada sob um discurso moderno e colonial tem atingido considerável altitude de suas improbidades, desse modo a própria Natureza, logicamente vai se transformando e criando seus mecanismos de defesa frente às ameaças que sofre pelo manejo e intervenção desrespeitosa do Homem na terra, ar, fauna e flora (MIGNOLO, 2017; RODRIGUES, BRANDÃO, 2014).

Entretanto, parece razoável se atentar também para outros aspectos do ser humano e da Cultura; suas propriedades de elaboração e potenciais para uma nova consciência, como a capacidade de se arrepender, de amar e se relacionar visando o bem comum. Suas variadas formas de arte como instrumento de resistência e reflexão para que possa em tese rever suas veredas históricas, culturais e comportamentais. As produções que militam contra a indústria da morte; os grupos culturais que levantam a bandeira da vida, das minorias e das diversidades. Os olhares antropológicos, e sociológicos e humanistas que reafirmam a urgente necessidade de novas fraternidades, tolerância frente às diferenças e multiplicidades. A arte, pelas vias da

música, do cinema e das artes plásticas nos provoca culturalmente a um repensar e um ressignificar de nossa própria Cultura e modos mais saudáveis de edificar nosso mundo na Terra. Por conseguinte, em meio a essa assolação sanitária global, a arte parece ser um tipo de instrumento amortece-dor e reelabora-dor de considerável importância para que as pessoas possam resistir e cultivar sua saúde existencial e subjetiva diante da dor, do sofrimento e das incertezas, refletir em autocrítica e reinventar novas formas e possibilidades de existir.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. *Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica*. In: *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* / Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves, Odair Furtado (orgs). 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. [La terre et les rêveries de la volonté: essais sur l'imagination des forces.] Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. CERTEAU.

BOAS, Alexandre Gomes Vilas. *A(r)tivismo: Arte + Política + Ativismo - Sistemas Híbridos em Ação*. Instituto de Artes: São Paulo, 2015. BOAS, Alexandre Gomes Vilas. *A(r)tivismo: Arte + Política + Ativismo - Sistemas Híbridos em Ação*. Instituto de Artes: São Paulo, 2015.

BOCK, A. M. et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.

CÂMARA, C.V. Z. (2012). A subjetividade e a estética pictórica de Bachelard. *Revista Escritos*, 6, 1-18. Recuperado de http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero06/escritos%206_09_a%20subjetividade%20e%20a%20estetica.pdf

CHAIA, Miguel. *Arte e Política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

DE MORAES, W. “A necrofilia colonialista outrocida no Brasil”. *Revista Estudos Libertários*, vol. 2, n. 3, 2020.

DE SOUZA, Ligia da Paz., (2020). A pandemia da COVID-19 e os reflexos na relação meio ambiente e sociedade. *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, v.8, n.4, p.68-73.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FURTADO, Odair (Orgs). *O Psiquismo e a Subjetividade Social*. In: Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia / Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves, Odair Furtado (orgs). 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

MARX, K. *O capital: Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014.

MBEMBE, A. “*Necropolítica*”. Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dezembro 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. [La prose du monde.] Tradução de Paulo Neves, São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 188.

MIGNOLO, Walter D.. Colonialidade: O Lado Mais Escuro da Modernidade. *Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo*, v. 32, n. 94, e3 29402, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Oct. 2019. Epub June 22, 2017. <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>.

MORIN, Edgar. (2000) *Meus Demônios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MORIN, Edgar. (2003) *Ciência com Consciência*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

NOGUEIRA, C., NEVES, S. & BARBOSA, C. (2005). Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o Estudo do Género. *Psicologia. Teoria Investigação e prática*, 2, 195-209. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/3954>. Acesso em: 16 de setembro de 2019.

RODRIGUES, Alessandra Cristina; BRANDÃO, Ludmila de Lima. A Colonização da Aesthesis in: SEMINÁRIO DO ICHS – *Humanidades em Contexto: saberes e interpretações* (2014). Disponível em: <http://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2014/paper/view/1619>. Acesso em: 18 de out. de 2019

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018. 208p.

SINGER, P. *Ética Prática*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2.^a ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

SINGER, P. *Libertação Animal*. Tradução de Marly Winckler. Ed. rev.- Porto Alegre, São Paulo: Editora Lugano, 2004.

SOUZA, R. T. de. *Ética e Animais* – Reflexões desde o Imperativo da Alteridade. In.: Veritas, Porto Alegre, v.52, n.º 2, junho de 2007, p.109-127.

SPINK, M, J. (org). *Práticas Discursivas e Produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Edição Virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2012.

VIEIRA, Cristina Mesa *et al.* COVID-19: The forgotten priorities of the pandemic. Maturitas, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2020.04.004>

The CovidArtMuseum. Figura 1. Sem título. @beeples_crap.Instagram. Recuperado de <https://www.instagram.com/explore/tags/covidartmuseum/>

The CovidArtMuseum. Figura 2. Sonhos de verão. @aykutmaykut.Instagram. Recuperado de <https://www.instagram.com/explore/tags/covidartmuseum/>

The CovidArtMuseum. Figura 3. O lado de fora. @ignasi.Instagram. Recuperado de <https://www.instagram.com/explore/tags/covidartmuseum/>

The CovidArtMuseum. Figura 4. lote: covid-19. @elasdegabrielas.Instagram. Recuperado de <https://www.instagram.com/explore/tags/covidartmuseum/>

Recebido em: 01/03/2021

Aceito em: 20/03/2021

Publicado em: 30/03/2021